



# O CON\* DOR

BOLETIM INFORMATIVO

ANO XI

NÚMERO 6

Nov-Dez/2006

Homepage: <http://57-BQ.org> | Webmaster: [5718brasil@57-BQ.org](mailto:5718brasil@57-BQ.org) | E-mail: [Ocondor@57-BQ.org](mailto:Ocondor@57-BQ.org) | Editor: [5755amorim@globol.com](mailto:5755amorim@globol.com)



Integrantes da T.57-BQ visitam o Sr. Eliziário, em Barroso/MG.

## Jubileu de Ouro - Última Chamada



Ultimando os procedimentos para o grande Encontro dos 50 Anos da Turma 57-BQ, nos dias 9, 10 e 11 de março, estarei inspecionando os Hotéis Lucape e Master Plaza para garantir o banho quente aos hóspedes muito especiais. Que saudades daquelas manifestações de apreço e carinho!



Sebastião Eliziário, o Caldeireiro

## CONFRATERNIZAÇÃO

Neste final de ano, a Representação escolheu o Restaurante Chez Yunes, típico de comida árabe, situado no Shopping Center Barra Square, para o almoço de confraternização da Turma, no último dia 16 de dezembro.



Como se vê na fotografia, por um momento, estranhamos a ausência do sorriso do Thedim. Explica-se: ele ficou um pouquinho chateado por terem comido todo o quibe que estava na sua mesa. Gentilmente, o garçom providenciou várias “repes” de seu prato preferido e de outras iguarias. E o Thedim, traduzindo o sentimento de todos os presentes, ficou muito satisfeito com o atendimento de primeira, sob atenção especial do proprietário, Sr. José Carlos, Tel. (21) 2431-4202. Momentos alegres e descontraídos nos flashes da pág. 3.

## MENSAGEM DE NATAL

Os seguintes amigos agradeceram o convite para o almoço de fim de ano e enviaram mensagens de **Boas Festas e Feliz Ano Novo**, augurando **Saúde e Paz** a todos os integrantes da TQP e a seus familiares: Mara e Dárcio, Cecília e Malagutti, Aldenora e Noleto, Lencastre e Luiz Ribeiro. E aditamos a essas mensagens uma receita do Dr. Dráuzio Varella, de um elenco divulgado sob o título “A arte de não adoecer”.

### Se não quiser adoecer - “Não viva triste!”

O bom humor, a risada, o lazer, a alegria recuperam a saúde e trazem longa vida. A pessoa alegre tem o dom de alegrar o ambiente em que vive. “O bom humor nos salva das mãos do doutor”. Alegria é saúde e terapia.

## RECORDAR É VIVER

### O Cadete-do-Ar

Dias saudosos e inesquecíveis aqueles que precediam a entrega, aos novos cadetes, do espadim e do brevê de piloto militar. O tempo regressivo era anotado, pacientemente, todos os dias, na parte superior direita do quadro-negro, até que, de repente...*ecce dies* - eis o dia - ansiosamente esperado, 9 de julho de 1960, sábado. Nesta foto, Ícaro testemunha a felicidade dos matogrossenses Arieis Santana (Cad. 60-132) e Mário C.O. (Cad. 60-130). Emocionante narrativa na página 4.



## FATOS PITORESCOS

### A pimpilante esvoaçante

Este termo foi criado pelo Vieira de Souza (59-39), para definir um torpedo direto no traseiro dos alunos, lançado pelos professores de Matemática, Física e Química, no dia das provas. Realmente, nossos mestres organizavam os testes mensais com elevado grau de dificuldades, deixando muitos alunos a depender de boas notas nas provas parciais (estas ainda mais difíceis) e, por vezes, nas de segunda época. Às vésperas da 1ª prova parcial de Matemática, o Pi, como era carinhosamente chamado, saiu-se com essa: “Eu dava o&ski pra tirar 8,5 nessa prova.” Um colega indagou: “O que?!” E o Pi arrematou: “Bom, o&ki eu não dava, não; mas, nas coxinhas eu ainda levava...” Este era o João Baptista Vieira de Souza, paulista de Araras, criado em Londrina/PR, um companheiro inesquecível.

### O Baixinho e as ciências exatas

O Teixeira (57-77), que levou o 2º ano aproveitando ao máximo o que a Cidade das Rosas poderia oferecer, de preferência em companhia do Horta (que dupla!), queria “dar uma virada” nas provas finais. Casualmente, estava “pendurado” em Matemática, Física e Química, precisando de notas elevadas para não ficar “repe”. Recorreu ao João Carlos (57-40) para ajudá-lo, durante as duas semanas livres antes das provas. Sua estratégia era tentar passar em, pelo menos, uma delas, para ter chance de ficar em segunda época. O 40 “topou a parada”, desde que ele seguisse sua metodologia de estudos, que se baseava em fazer todos os exercícios passados pelos professores durante o ano e alguns outros tirados dos livros didáticos. Disse ao Baixinho que em Matemática ele “se safava”, mas que em Física teriam de apelar, em algum momento, para o Vasques (57-36) e o Drummond (57-163); e em Química, recorreriam ao Brasil (57-18). Com uns caixotes arranjados no rancho, improvisaram uma mesa e duas cadeiras embaixo de uma árvore e, durante as manhãs e tardes daquelas duas semanas, “meteram um gagá” de verdade. Combinaram fazer uma ginástica ao final da tarde e se distraírem um pouco, no cassino, após o jantar. Antes de dormir, na sala de aulas, organizavam as matérias para o dia seguinte.

Combinaram, também, não irem à Cidade no sábado; mas pegariam um cinema no domingo. O João ficou impressionado com a disposição do colega e com sua facilidade de entender tudo. Resultado: o Teixeira nem ficou em 2ª época; passou em Matemática, Física e Química; mas ficou “repe” direto, pois foi reprovado em três outras matérias: Desenho, História do Brasil e Ciências Naturais. Grande Baixinho! Um cara muito legal, que veio de Angra dos Reis e que, atualmente, mora em Valença. O Horta tem a obrigação de resgatá-lo para o nosso convívio.

### O hipnotizador

Ele era de São Paulo. Corria o final do ano de 1957 e os alunos da Turma de 56, já pensando na faina que iriam enfrentar nos Afonsos, livravam nossa Esquadrilha das agruras do trote. Podíamos bater papo, contar as aventuras com as namoradinhas e outros “causos”. Quando não mais que de repente, ao final do estudo obrigatório da tarde, com tempo livre até o jantar (era dia de cortar cabelo), apareceu na mesa do professor nosso colega Schneider (57-171), oferecendo à platéia um show de hipnose, logo aceito por todos. Ao iniciar, determinou que todos esticassem os braços e fechassem as mãos. Em seguida, como é usual nesses espetáculos, “sugeriu” que ninguém conseguiria abrir as mãos; “picas”, todos abriram as mãos, exceto nosso estimado Elson (57-139), que, além de não abri-las, passou a aceitar todo comando do hipnotizador. As ordens eram de uma tremenda babaquice, a ponto de o hipnotizado representar, por exemplo, uma galinha cacarejando, um moleque emitindo gritos, tudo isso em resposta a um bater de palmas. A galera acompanhou o espetáculo, que se deslocou para as cercanias da barbearia. Depois, para “tirar da reta” por possível acusação de provocar distúrbio, a turma se dispersou e o Elson ficou lá cacarejando, com palmas e sem palmas. Até hoje, ficou a dúvida se o Schneider dominava a técnica da hipnose ou se o Elson já se revelava um grande gozador, que deslanchou totalmente, no 2º ano, como produtor do programa “Casa Amarela”, um ótimo musical humorístico oferecido aos colegas, no cassino dos alunos.

### PENSAMENTO DE O CON\*DOR

*“Nossa querida Turma sempre se constituiu em um aconchego, um porto seguro e carinhoso, onde sempre éramos e somos muito bem-vindos”.*

*Trecho da carta do Schneider (57-171), lamentando não poder estar junto aos amigos, no almoço de confraternização.*

### CONCURSOS DE O CON\*DOR

**Concurso de Set-Out/2006 – Prorrogado o prazo até 20 de fevereiro de 2007** – Conte um “causo” vivenciado ou presenciado na sala de aulas, em Barbacena ou nos Afonsos, e concorra ao prêmio de vê-lo publicado em O CON\*DOR.

**Concurso de Nov-Dez/2006-** Conte uma historinha sobre licenciamento, em Barbacena ou nos Afonsos, e concorra ao prêmio de vê-la publicada em O CON\*DOR.

## FLASHES DO ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO



Em um ambiente acolhedor, saboreamos deliciosos pratos e cervejas bem geladas, com animação do Paulão (voz e violão) e aquela “canja” de sempre do Zé Nelson e do Cardoso. A casa ofereceu um magnífico show de dança do ventre. De outras cidades, vieram participar do almoço de confraternização o Manoel Carlos (de Brasília) e o Nunes (de Maricá). De um dos senhorzinhos da Turma, todos embevecidos com a arte da jovem dançarina, ouviu-se um comentário: “A menina é muito graciosa”. A que outro questionou: “Mulher boa agora é menina graciosa? Papo de avô carinhoso”.



Destacaram-se no encontro os jovens Granha, Amorim e Horta, com a camisa dos 40 Anos do Aspirantado.

### O moita bem sucedido

O Luiz Henrique (57-102) é um dos caras mais “moitas” da Turma. Sempre comparece aos encontros realizados na Barra. E desta vez, ficou mais fácil, pois ele dirige uma loja ali mesmo no Barra Square. Como é de seu estilo, desde Barbacena procura manter-se discreto, mas nem sempre consegue deixar de ser notado, como por exemplo, quando foi Vice-Presidente do Vasco da Gama, ocasião em que revolucionou o Clube, aplicando seus conhecimentos de Estatística da ENCE para provar ao Presidente que determinada posição na equipe de futebol custava muito para o baixo retorno em gols e títulos. Também na Força Aérea, não deu para fugir da fama de excelente administrador, nas diversas funções relevantes que exerceu, inclusive no difícil Comando da Prefeitura de Aeronáutica do Galeão. Agora mesmo, colaborou com o patrocínio da impressão de um livrete para o Encontro dos 50 Anos, com a condição de não constar, nos exemplares, nenhuma referência a tal apoio. Ao amigo Luiz Henrique, nosso querido Zuzuca, queremos agradecer a gentileza, desejando-lhe continuado sucesso nos negócios. H. S. ÓPTICA LTDA. (21) 2430-7129.



As senhoras também apreciaram a boa performance da bela bailarina. A Vera animou-se a reunir as amigas, nos dias de apresentação da Samara (6ª feira e sábado) para aprenderem a arte oriental.



## NAS AEROVIAS

### As águias que tombaram

Nosso colega Toledo (57-79) indicou-nos a correção de um erro de publicação na edição anterior. O CON\*DOR errou quando mencionou que o Ten Hancock falecera em acidente aéreo, pouco tempo depois (de dar instrução à nossa Turma). Ele veio a falecer em 1968, após enfermidade de câncer no cérebro. A Força Aérea encaminhou-o aos Estados Unidos para uma cirurgia, mas ele não resistiu à gravidade da doença. Guardamos dele aquela imagem de um instrutor alegre e amigo. Que Deus o tenha! O Toledo completou as informações com os acidentes fatais envolvendo os instrutores de nossa época na Escola de Aeronáutica. Faleceram em acidente aéreo: 1º Ten. Celso, com o Cad. Sekigushi; 1º Ten. Belfort, em vô solo de esclarecimento meteorológico; 1º Ten. Diniz, levando um T-6 para Lagoa Santa; e o 1º Ten. Viegas Margalho, em Pirassununga, em vô de demonstração.

### O piloto “rasgadão”

O Ten. Viegas Margalho era mesmo “rasgadão”, a começar por seu macacão de vô, surrado e sujo, com o fecho eclar aberto nas canelas; não usava cobertura. Era um tipo estranho: moreno queimado do sol, cabelos lisos despenteados, de poucas palavras; diziam que ele tinha platina na cabeça, para corrigir fratura causada por acidente (aéreo?). Mas ele gostava muito de voar. Prova disso é que um dia, no cheque de cabeceira da pista do T-21, quando seu aluno alertou-o de que estava caindo a rotação (RPM), ao trocar o magneto e acionar as manetes a pleno, ele mesmo adotou os procedimentos e constatou a pane no equipamento. Então ordenou ao aluno: “Vamos decolar rápido, antes que esse motor pare”. O Fokker perdoava...mas se fosse um NA T-6?

### Segurança de vô

Quando nos dirigimos ao Estágio Primário, pela primeira vez, impressionaram-nos duas sentenças inscritas no hangar: no portão, “Em Aviação, só o perfeito é aceitável.”; na parede do fundo, “Em Aviação, um erro poderá ser o último.” Por isso, havia rigor na padronização dos procedimentos, no desenvolvimento de reflexos na pilotagem, no treinamento de panes simuladas e na questão da disciplina de vô. Mas parece que alguns instrutores, quando em vô solo, não observam suas próprias recomendações, ou por excesso de confiança, ou pelo arroubo da juventude, ou mesmo por negligência. O fato é que a maior incidência de acidentes aeronáuticos ocorre por falha pessoal...e com os tenentes. Acontece com todas as turmas.

### O banho de lachê

No Campo dos Afonsos, havia um laguinho preservado para manter uma tradição da Aviação Militar - a de os colegas jogarem na água o aluno que acabou de solar, com direito a levar tapas nas costas. O lachê é uma espécie de batismo, ainda usual na Academia da Força Aérea. Na nossa Turma, os primeiros a levar um banho de lachê foram o Toledo (57-79) e o Gatti (57-91), que solaram o T-21 no dia 05/11/1959. O “batismo de água” era emocionante e não oferecia risco de afogamento. Mas, quando o novo piloto chegava ao Corpo de Cadetes, marchando à frente da “tripulação”, o perigo era a confraternização dos colegas da Esquadilha que o estavam aguardando: no “fora de forma”, todos “cafam de pau” no manicaca. Era um verdeiro “batismo de fogo”.

## MANHÃ DE GALA

Dia da entrega do espadim e do “brevet” de Cadete Aviador, 1960, dia em que a Esquadilha estava no auge da vibração; todos trajando o garboso 1º uniforme, impecavelmente treinados pelo capitão IG Wilson para a demonstração de ordem unida, que durante o desfile, ao som da marcha “Colonel Boogwie” (tema musical do filme “A Ponte do Rio Kwai”), iniciou-se com um apito do Capitão Instrutor e culminou no último movimento com um “alto” na posição de recebimento do espadim e do “brevet”, posição esta que representava a asa com espada, símbolo da Força Aérea Brasileira. Tudo era festa naquela manhã de gala.



Meus pais levaram um grupo de familiares e amigos bastante grande para assistirem à solenidade de entrega do espadim seguida da entrega do “brevet”. Os homens todos trajando ternos com elegantes gravatas e as mulheres com seus trajes de gala, com chapéus e luvas, realmente foi uma festa inesquecível e digna dos saudosos “anos dourados”, de que tivemos a felicidade de sermos partícipes. Que saudades ... que tempos! Durante os momentos que precediam o acontecimento, notei um companheiro sozinho, olhando assustado de um lado para outro, observando os familiares e amigos dos colegas em grande alegria e confraternização. Aproximei-me dele e perguntei: “Arieis, você está só, não tem convidados?” Ele, demonstrando certa tristeza, respondeu: “Sucupira, minha família mora longe demais para vir a este evento”. Imediatamente, chamei minha irmã, Itacy, e a designei “madrinha do Arieis” para entregar-lhe o espadim. Os olhos do Arieis brilharam de alegria, e assim ele teve sua madrinha na entrega do espadim, fato este devidamente documentado e ilustrado por esta foto histórica. Estes pequenos fatos é que fizeram a nossa Turma Quase Perfeita.

Sucupira, GWCA, 57-71